



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 7 – Nº 16 - Julho - Dezembro 2012
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

Altas habilidades/Superdotação e Dificuldades de Aprendizagem: relações e implicações sob o olhar da inclusão educacional

Autoras:

Renata Gomes Camargo¹

Dr.^a Soraia Napoleão Freitas²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Pesquisa em Educação Especial. Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação especial, altas habilidades/superdotação, acessibilidade na escola. É membro do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social. Atualmente é bolsista demanda social da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. re_kmargo@hotmail.com Endereço: Rua do Acampamento, nº 71, bloco A, apto. 122, CEP: 97050-001, Santa Maria/RS. Telefone: (55)91233200

² Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Educação Especial, Campus Universitário, Camobi - Santa Maria, CEP: 97119-000, RS. soraianfreitas@yahoo.com.br

Altas habilidades/Superdotação e Dificuldades de Aprendizagem: relações e implicações sob o olhar da inclusão educacional ¹

Resumo: Renzulli (2004) e Virgolim (2007) afirmam que as pessoas com altas habilidades/superdotação – AH/SD- apresentam uma capacidade intelectual e criatividade elevadas e grande envolvimento com as atividades que realizam. Estas características podem trazer benefícios para a pessoa ou não, assim objetiva-se neste artigo discutir as dificuldades de aprendizagem -DA- desencadeadas pela não apreciação de professores e colegas às características dos estudantes com AH/SD. A pesquisa configurou-se como estudo de caso realizado em 2010, sobre um aluno que cursava o 5º do ensino fundamental, identificado com AH/SD e DA. Dentre os principais resultados, têm-se que a qualidade das interações, fator importante para a inclusão educacional, estava deficitária entre o aluno em questão e as pessoas da sua classe, dificultando que ele desenvolvesse de forma significativa suas potencialidades neste espaço. Também, aponta-se a relevância das práticas colaborativas entre profissionais da educação especial e das classes comuns para a qualificação do processo de inclusão.

Palavras-chave: Inclusão. Altas Habilidades/Superdotação. Dificuldades de Aprendizagem. Educação Especial.

Abstract: Renzulli (2004) and Virgolim (2007) argue that people with high ability/gifted have a high intellectual capacity and creativity and great involvement in the activities they perform. These features can bring benefits to the person or not, so this article aims to discuss the difficulties of learning triggered not by the appreciation of teachers and fellow students with the characteristics of high ability /gifted. The research was configured as a case study conducted in 2010 on a student who was attending the 5th elementary school, identified with high ability /gifted and difficulties of learning. Among the main results are that the quality of interactions, an important factor for inclusion, was deficient in question between the students and people in its class, making it significantly develop their potential in this space. Also, it points to the importance of collaborative practices among professionals of special education and regular classes for the qualification process for inclusion.

Key-words: Inclusion. High Ability / Gifted. Difficulties of Learning. Special Education.

Iniciando a discussão

Diferentes autores como Alencar & Fleith (2001), Renzulli & Reis (1997) e Virgolim (2007) colocam que as pessoas com Altas Habilidades/Superdotação -AH/SD- são aquelas que apresentam uma capacidade intelectual e criatividade elevadas, e grande envolvimento com as atividades que realizam.

Ao conceitualizar o que são AH/SD, à primeira vista imagina-se que as pessoas com esta característica têm uma tendência ao sucesso nos diferentes aspectos da sua vida, afinal, se esta tem uma capacidade elevada não terá problemas na escola, se é criativa logo deve ser

interessante com uma pessoa que tem facilidade em inventar ou transformar idéias e se é dedicada às suas atividades provavelmente conseguirá concretizar tudo aquilo que deseja.

“Se” indica realmente o que demonstra este trabalho, estes aspectos apresentados são verificados nas pessoas com AH/SD em maior ou menor intensidade como a descrição feita acima, porém são possibilidades fortemente influenciadas pelo contexto, logo o sucesso esperado pode não acontecer em todos os aspectos, e por vezes, em nenhum já que ao mesmo tempo em que trazem benefícios para a pessoa, as AH/SD podem gerar dificuldades e conflitos pela não apreciação por parte das demais pessoas (professores, colegas, família, etc.) das características que diferenciam as pessoas com AH/SD.

Dificuldades estas que podem ser de aprendizagem, uma vez que apresentar Dificuldades de Aprendizagem-DA- não significa ter um baixo potencial para aprender, pelo contrário, é evidenciada na maioria das vezes em pessoas sem prejuízos neste fator.

Assim sendo, o aluno com DA é um aluno com um potencial para a aprendizagem médio, ou acima da média, sendo este aspecto um factor de grande importância a transmitir-lhe no sentido de o ajudar a situar-se e a compreender as suas áreas fortes e necessidades educativas.(CORREIA, 2004. p. 369)

Neste contexto, é que este artigo apresentará seus dados com base na pesquisa qualitativa, que segundo Gil (2010), é um estudo aprofundado, detalhado e explicativo do objeto escolhido para investigação, através da busca por informações legítimas, onde a interpretação dos dados deve ser realizada considerando o contexto social no qual foram coletados.

Esta investigação constituiu-se em um estudo de caso elaborado em 2010 de um aluno identificado como com AH/SD e DA, que teve por instrumento metodológico a entrevista semi-estruturada, sendo realizada com o estudante e sua professora daquele ano, da qual se trará alguns trechos que foram analisados neste artigo. Para este trabalho, serão apontados os aspectos do estudo de caso intrínsecos à relação AH/SD e DA e suas implicações para a inclusão educacional de alunos que apresentam estas características.

O aluno em questão será nomeado pela letra J. ao longo do trabalho, é do sexo masculino, tinha doze anos e cursava o 5º ano do ensino básico fundamental no referido ano quando realizou-se a investigação, em uma escola pública da cidade de Santa Maria/RS

A pesquisa foi motivada pela inquietude da mãe ao relatar em conversa no projeto de extensão “Programa de Incentivo ao Talento” –PIT-, vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social, da Universidade Federal de Santa Maria, do

qual o menino participa, que apesar de ele ter um grande potencial e demonstrar muito interesse pela pesquisa e expressão dos seus conhecimentos, J. apresentava DA na escola, sendo chamada constantemente para conversar com a professora sobre seu desenvolvimento neste espaço.

AH/SD e DA: Aproximações? Distanciamentos? Inclusão?

Pesquisas recentes, como a de Martins (2010) apresentam a relação entre AH/SD e DA como estando relacionada às características de personalidade e comportamento dos alunos com estas características.

Os estudos contemporâneos sobre os problemas relacionados à educação de pessoas com necessidades educacionais especiais trazem que as causas destas necessidades geralmente estão somente relacionadas a uma dimensão, neste sentido, no caso que se vai abordar, seriam impulsionadas somente por características do aluno.

O que era apresentado pelo aluno J., AH/SD e DA, nomeia a relação abordada neste trabalho que tem por precursores aspectos que envolvem a dinâmica presente no processo de ensino-aprendizagem, logo, ampliando a pesquisa para a apreciação das percepções do aluno e também do professor e aspectos relevantes presente nesta relação, e não limitar-se à fatores relacionados exclusivamente ao aluno, uma vez que suas DA estão diretamente relacionadas á sua dificuldade de interação em sala de aula.

“(Com quem tu gosta de conversar? Tu gosta de conversar com os colegas?) Não (Por que?) Simplesmente porque eles me odeiam (Por que?) Sei lá, por isso que é estranho, eles me odeiam e eu não faço nada”. (Aluno J.)

Esta escolha se fez no intuito de qualificar a demonstração dos fatores que podem/influenciam a coexistência da DA e AH/SD em um aluno, como apontam Alencar & Fleith (2001) quando assinalam que o baixo rendimento acadêmico pode ser vivenciado também por alunos com AH/SD, dentre outros fatores, devido às características do currículo, metodologias utilizadas, excessiva repetição de conteúdos, aulas monótonas, ritmo lento pela classe, baixas expectativas por parte do professor, situação familiar insatisfatória, indiferença e rejeição por parte dos pais e pressões exercidas pelos colegas.

Alencar & Fleith (2001) trazem casos em que os superdotados com dificuldades de aprendizagem, no ambiente extra-escolar apresentam um desempenho superior em alguma atividade que é motivadora e desperta o seu interesse, enquanto que na escola demonstram DA.

“Cite as coisas que você faz bem e as que não faz tão bem? Por quê? (na escola ou fora dela)” foi a pergunta contida na entrevista que demonstrou que as DA de J., eram caracterizadas pela pouca interação, participação e demonstração da sua aprendizagem em sala de aula, que desencadeavam a não execução daquilo que era exigido neste espaço, limitando as suas aprendizagens, pois as atividades que mencionou que faz bem, ele executava em casa e/ou na biblioteca da escola, e as que não fazia tão bem eram aquelas mais cobradas na classe.

“Ler e pesquisar bem, escrever e fazer atividade física mal.” (Aluno J.)

Ao lembrar as características relativas à AH/SD, percebe-se na fala de J. a evidencia destas, por exemplo, quando se interrogou o aluno sobre uma informação que havia pesquisado, se não queria buscar mais. Ele colocou que não é necessário ter muito para criar, nomeando a característica criatividade, já que a partir de uma informação mínima de uma pesquisa ele tinha desenvolvido muitas discussões.

*“Não porque é uma informação que tendo pouca coisa tu já tem bastante coisa.”
(Aluno J.)*

Quando se interrogou a professora sobre o que ela entendia por AH/SD, esta também mencionou com as suas percepções as características trazidas no entendimento de AH/SD selecionado para embasar este trabalho (ALENCAR & FLEITH (2001), RENZULLI & REIS (1997) e VIRGOLIM (2007).

Apontou que o aluno resolvia situações com facilidade, o que se pode relacionar com criatividade, especialmente no momento em que fala em soluções com sentido de pluralidade de formas. Ainda, trazia a característica habilidades gerais ou específicas acima da média, quando relacionou a resolução de problemas, especificando com a palavra setores.

*[...] são capacidades que determinados alunos tem pra resolver situações do seu dia-a-dia ou com mais facilidade ou com menos, os que tem altas habilidades naqueles setores provavelmente eles vão ter facilidade, vão ter outras formas, vão ter vários caminhos pra se chegar à resolução do problema, quem não tem, tem mais dificuldade, de repente nem consegue resolver o tal de problema.”
(Professora)*

Na oportunidade da entrevista, em que se perguntou à professora sobre se os alunos com AH/SD poderiam ter DA, ela demonstrou um bom entendimento sobre a variedade de

expressões que as AH/SD podem assumir, dependendo com qual área do conhecimento se relacionar mais.

“Sim, porque dependendo da área que ele tem altas habilidades ele vai ter dificuldades em outras áreas porque nós somos uma pessoa globalizada né, e a gente não domina tudo, aquilo que ele tem mais facilidade talvez seja uma alta habilidade eu nem considero superdotação e aquilo que ele não tem facilidade ele pode até se frustrar se não conseguir resolver.” (Professora)

Isso é explicado por Renzulli (2005), quando diz que as AH/SD podem manifestar-se de duas formas: habilidades gerais e habilidades específicas, sendo que as habilidades gerais são aquelas que se aplicam em todos os campos (como por exemplo, a inteligência geral) ou a domínios mais abrangentes (como por exemplo, habilidade verbal geral aplicada a várias dimensões da área da linguagem).

Estas habilidades consistem na capacidade de processar informação, de associar experiências que resultam em respostas adequadas e adaptáveis a novas situações, e de se empenhar em pensamento abstrato. Alguns exemplos seriam o raciocínio verbal e numérico, relações espaciais, memória e raciocínio por palavras, as habilidades gerais geralmente são medidas em testes de aptidão e inteligência.

As habilidades específicas são referentes à habilidade de adquirir saberes ou técnicas, ou a habilidade de realizar uma ou mais atividades especializadas; se evidenciam na destreza de aplicar várias combinações das habilidades gerais a uma ou mais áreas específicas do conhecimento ou do desempenho humano, como dança, ciências, liderança, matemática, música, etc.

Na mesma resposta a professora também reconheceu que os alunos com AH/SD podem ter DA, mas relacionou somente com o seu desempenho nas áreas acadêmicas desconsiderando os outros aspectos que podem estar envolvidos, como são aqueles relacionados à metodologia e interação, sendo que justamente estes são os relacionados à DA de J.

Esta dificuldade de interagir e participar das atividades em sala de aula acabavam por, inibir a expressão do potencial e dos conhecimentos que o aluno J. buscava além do ensino formal, que se apresentados poderiam despertar e auxiliar na sua aprendizagem, podendo isto estender-se aos colegas. Isto poderia ser instigado pela professora, através de ações que o estimulassem à demonstração dos seus conhecimentos, e assim, o impulsionassem a interagir mais na escola.

Alencar & Fleith (2001, p.94) afirmam que “é muito comum a discrepância entre potencial (aquilo que o sujeito é capaz de fazer e aprender) e o desempenho real (o que o sujeito demonstra conhecer)”.

Conhecimentos aprofundados, curiosidades e novidades buscadas em pesquisas, são ações relacionadas com a característica envolvimento com a tarefa das pessoas com AH/SD (REZULLI & REIS 1997), esta era impulsionada pela importância que o aluno J. conferia às áreas que mais o instigam, portanto envolvendo-se em atividades em que estas ações estavam presentes, que ele infelizmente não compartilhava em sala de aula, gerando a DA relativa ao seu envolvimento e aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, segundo Rotta (2006, p.117) “Os fatores envolvidos nas dificuldades para a aprendizagem podem ser divididos em: fatores relacionados com a escola, fatores relacionados com a família, fatores relacionados com a criança.” Sendo assim, afirma-se que a DA de J. envolvia aspectos referentes à escola e a si mesmo.

A professora apontou que ao longo do ano letivo tinha tentado abordar o aluno de diferentes maneiras, mas talvez estivesse faltando uma visualização mais aprimorada da situação por ambas as partes, aluno e professora, para que conseguissem pensar o que poderia ser feito relativo ao que está prejudicando a sua aprendizagem.

Nestes casos, isso pode ser repensado, através de estudos como os da Educação Holística, que em Yus (2002) se apresenta através de uma proposta aonde o aluno é o centro da atuação na escola e que para além de conteúdos acadêmicos, este espaço educacional precisa pensar em como vai desenvolver e instigar outros campos do indivíduo. Um exemplo disto, é a qualidade das suas relações, pensando neste como um ser global, logo em um ensino que não pode ser compartimentalizado e focado somente em conteúdos acadêmicos.

As DA muitas vezes são justificadas pelo mito que as pessoas com AH/SD precisam ter um bom desempenho em todas as áreas acadêmicas, quando na verdade geralmente terão melhor desempenho naquela (s) na(s) quai(s) tem maior interesse.

Observa-se hoje que a inteligência é composta de muitos fatores e habilidades, o que faz com que uma criança possa ter um excelente desempenho em uma área e quase nenhum rendimento em outra.

Esta conclusão é importante, pois, em geral, pais e professores têm grandes expectativas de que a criança se saia bem em todas as áreas e tenha boas notas em todas as matérias escolares, o que nem sempre acontece. Percebendo a inteligência como multifacetada e composta por vários fatores, podemos então entender que uma pessoa possa demonstrar domínio e conhecimento em uma área, a que chamamos de “área forte”, e ter suas dificuldades em outras áreas, denominadas de “áreas fracas”. (VIRGOLIM, 2007, p. 53)

Porém, não é o que se verifica neste estudo de caso, já que o aluno afirmou na entrevista, que aprende matemática, mesmo não sendo esta disciplina a que mais tira proveito

na escola, além de ser uma área na qual não tem muito interesse e afinidade para a aprendizagem.

“Olha eu interajo, a como eu posso dizer, como, como, como eu disse com a matemática parece que eu to repelindo e com as ciências e outras parece que eu to atraindo, na verdade eu até entendo um pouco de leis da física, mas, e sei matemática, olha basicamente eu não aprendo as coisas com matemática.” (Aluno J.)

Sendo assim, se apresentam diversas condições relacionadas à educação formal que podem ter implicação sobre a evidência de DA em alunos com AH/SD, com destaque para a atenção direcionada à realidade e características dos alunos.

Condições pedagógicas, que se relacionam à disponibilidade de material didático, adequado para a faixa de idade a que se destina, método pedagógico de acordo com a realidade da criança, otimização da duração do turno escolar e a preocupação de interação escola-família. (ROTTA, 2006, p. 118)

A DA, então, pode estar mais relacionada às questões de mediação e interação, como é o caso de J. que não interagiu com a professora e os colegas, pois não sentia-se instigado à ser mais participativo nas aulas, ficando à margem das atividades, buscando em outros espaços da escola contemplar a sua aprendizagem, especialmente na biblioteca, onde conseguia se envolver na atividade de leitura, ficando na maioria dos dias todo o tempo do intervalo das aulas neste ambiente.

Isso possivelmente estava relacionado a uma falta de estímulo para que J. pudesse se sentir motivado à participar e realizar as atividades em sala de aula, o que sentia em outros espaços.

A associação entre AH/SD e DA nomeia a importante discussão sobre a inclusão educacional destes alunos, que concerne vários aspectos que precisam ser discutidos e analisados, que por vezes, não tem a atenção merecida.

Preocupações com materiais e espaços adequados para o atendimento das pessoas com necessidades educacionais especiais sempre estão tendo destaque nas políticas públicas e pesquisas, no entanto a relação entre professor/aluno e aluno/aluno, que propiciam a interação tão importante para a aprendizagem não são muito refletidos.

É fato comprovado à sociedade que as crianças não aprendem apenas com o professor, mas também com as outras crianças. As estratégias de aprendizagem cooperativa têm efeitos positivos no rendimento escolar, na auto-estima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal. (BRASIL, 2003, p. 165)

Ainda, mais quando se considera que as características das pessoas com AH/SD podem gerar conflitos entre professor e aluno, numa relação que o primeiro, às vezes está em uma posição como aquele que transmite o saber, o que pode dificultar as trocas com os alunos e os colegas que talvez não tenham os mesmos interesses que o aluno com AH/SD, podendo desencadear as suas DA.

(...) o conceito de necessidades educacionais especiais implica um caráter interativo (tanto depende das características individuais como resposta educacional); um caráter dinâmico (varia em função da evolução do aluno e das condições do contexto educacional); as necessidades precisam ser definidas com base nos recursos adicionais por ela exigidos, bem como nas alterações curriculares que se tornarem necessárias; não implicam um caráter classificatório em relação aos alunos, ou seja, são definidas a partir do potencial de aprendizagem e desempenho. (BRASIL, 2003, p. 39)

Este fato dificulta também a sua inclusão educacional, processo que é norte das práticas educacionais contemporâneas e um dos objetivos da atuação da Educação Especial.

Com base nos conhecimentos desta área, os quais são subsídios do presente trabalho, logo intrínseca às reflexões sobre AH/SD, uma vez que as pessoas com esta característica são público-alvo da modalidade educacional mencionada, pretende-se seguir com a discussão.

As DA apresentadas pelo aluno J. são previstas na construção da inclusão educacional, dentre as transformações que esta indica para a escola, estão a participação efetiva no processo de ensino-aprendizagem, pois não basta estar incluído na sala de aula, é preciso estar desenvolvendo-se neste espaço.

A educação inclusiva implica eliminar as barreiras que se contrapõe à participação de muitas crianças, jovens e adultos, com a finalidade de que as diferenças culturais, socioeconômicas, individuais e de gênero não se transformem em desigualdades educacionais e, assim, em desigualdades sociais. Definitivamente, a educação inclusiva centraliza sua preocupação no contexto educacional e em como melhorar as condições de ensino e aprendizagem, para que todos os alunos participem e se beneficiem de uma educação de qualidade (BRASIL, 2003, p. 41)

O questionamento surge quanto a esta eliminação de barreiras, porque têm-se muitas preocupações com a busca por conseguir que os espaços educacionais estejam bem estruturados e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, em prol da constituição da inclusão educacional destes.

Em contrapartida, pode-se fazer a reflexão de como se constrói os relacionamentos e interação em sala de aula que não podem ser “comprados”.

Este é um desafio, apresentado pelo estudo de caso em questão, onde os recursos presentes na escola estavam suprimindo em partes a necessidade de aprendizagem de J., mesmo que fosse em espaço extra-sala de aula, como é o caso da biblioteca aonde o aluno buscava informações.

Porém, o papel de socialização, interação e relações interpessoais e através desta a qualificação das aprendizagens formais e desenvolvimento global do sujeito, estavam prejudicadas, gerando as DA.

A situação é bastante interessante, pois aparentemente as questões atitudinais e de relacionamento são as mais fáceis de serem resolvidas e modificadas em prol do movimento de inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na escola, pois não demandam recursos financeiros e envolvimento da escola com instituições externas à ela.

Entretanto, estas se colocam como ponto de discussão pela verificação de que são difíceis de implementar porque envolvem os ideais, valores e percepções pessoais de cada um, e ao contrário de um material que se pode adquirir, o movimento relacionado à qualificação das relações interpessoais não pode ser imposto, mas sim construído de forma conjunta, questionando a participação de todos em sala de aula.

Mesmo os conceitos relacionados à influência da qualidade das relações interpessoais na escola sobre o processo de inclusão educacional, aparecem carentes de explicações. Cita-se a relação entre a importância de considerar a coletividade e pensar nas singularidades presentes nesta, porém não apresentam possibilidades de como se pode concretizar ações para que isto realmente aconteça.

A escola regular, enquanto ambiente plural e segundo a Constituição Federal, deve retratar a sociedade como ela é. Neste sentido, deve reconhecer que cada indivíduo tem necessidades particulares. Mesmo que a escola seja eminentemente o lugar do coletivo, é fundamental que haja uma reflexão sobre a escola que queremos, onde a educação seja pensada a partir de cada um, visando o pleno desenvolvimento de todos. (SENRA [et.al.], 2008, p.19-20)

Esta contextualização implica desafios para a atuação da Educação Especial, que por vezes, tem centrado quase que exclusivamente suas ações à construção de alternativas metodológicas que contribuam para aprendizagem acadêmica dos alunos, deixando de lado outros aspectos tão importantes quanto este para o seu desenvolvimento na escola, como é o caso da sua participação em aula e relações interpessoais.

Considerações finais

O documento norteador mais atual da Educação Especial no país que é a Política Nacional para Educação Especial na Perspectiva da Inclusão (2008) prevê que a atuação da Educação Especial nas escolas, o profissional possa estar auxiliando no que condiz à orientações para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, dentre estes os alunos com AH/SD.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas. (BRASIL, 2008, p.9)

Assim, combinando conhecimentos que são abordados mais especificamente nesta área do conhecimento, como é o estudo mais aprofundado das temáticas AH/SD e DA, envolvendo perspectivas de práticas direcionadas às demandas que estas especificidades sugerem para a elaboração do ensino, a Educação Especial pode estar trabalhando colaborativamente com os demais profissionais da escola visando o desenvolvimento pleno destes sujeitos.

Apesar de na política ser citado como papel da Educação Especial somente às orientações quanto às necessidades educacionais especiais, este profissional pode na atenção às singularidades dos alunos, direcionar as orientações também para outros campos que geram ou tem forte influência sobre a sua aprendizagem, como é a qualidade da interação e participação, como aponta a política já mencionada (BRASIL, 2008).

Sendo assim, a atuação da Educação Especial na escola precisa promover a aprendizagem, através da eliminação das barreiras que impedem a participação, comunicação e acesso à informação pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

Ao se trazer estes conhecimentos, muitas discussões podem ser suscitadas dentre estas, observando as características de como se pode acessar os alunos com AH/SD e instigar a sua interação em sala de aula.

Dentre estas discussões, tem-se a proposta de o professor e educador especial, fazerem o aluno refletir como pode estar compartilhando e agindo cooperativamente com seus colegas, ampliando estas relações para além das relativas à aprendizagem, e talvez até tornando-as sócio-afetivas, retomando a idéia de Yus (2010) de que o sujeito precisa desenvolver-se de forma global, estas relações em todas suas especificidades são importantes.

Até porque, olhando para o caso do aluno J. pode-se perguntar como ele tem se sentido na escola, sendo que passa a maior parte do tempo sozinho, sem conversar com alguém, sem conseguir compartilhar suas idéias e conhecimentos, surgindo o questionamento: que sentido este espaço passa tem na sua vida?

Uma alternativa interessante, seria buscar identificar com quais colegas possivelmente é mais fácil gerar uma aproximação com J., que ele pudesse comunicar aquilo que é importante para ele, sentindo que tem alguém disposto a ouvi-lo.

Provavelmente sentir-se-ia instigado a participar em aula e realizar as atividades propostas, pois aproximando-se dos colegas, mesmo que fosse para trocarem contribuições durante as aulas, poderia visualizar outras possibilidades de crescimento na escola além de estar lendo na biblioteca.

Logo, é necessário desenvolver “possibilidades de interação com colegas com características ou interesses similares” (VIRGOLIM, 2007, p. 18) para que os alunos com AH/SD possam crescer em competência e habilidade.

Ainda, quanto a sua DA, que tinha maior impacto sobre as áreas nas quais ele não possui muito interesse, como é a Matemática, J. tendo vivências com os colegas, poderia inspirar-se naqueles que apreciam a disciplina, para visualizar alternativas excitantes para sua aprendizagem e em momentos diferentes da forma como são abordadas pela professora, tornando-se mais atrativas para o aluno.

Como colocam Arantes, Mantoan e Prieto (2006) e Senra (et.al. 2008) o processo de implementação da Educação Inclusiva exige transformações profundas no sistema educacional. Certamente as mudanças referentes às relações interpessoais e participação efetiva em sala de aula é um desafio a ser vencido gradativamente, contemplando alunos com AH/SD, que tinha DA gerada pela sua falta de interação desencadeando a efetivação do seu direito à inclusão educacional.

Estas mudanças poderiam iniciar por alterações em sala de aula, pela apreciação dos aspectos citados acima, já que se pensando em J., porque não estava totalmente incluído na sua sala de aula, pois é pouco participativo nas atividades que acontecem neste espaço, ficando praticamente todo o turno de aula sem se envolver nestas, fazendo outras atividades

que não as solicitadas pela professora. Também, o estímulo necessário ao seu potencial pouco se apresenta, fato justificado pela professora na grande demanda de necessidades dos alunos á serem atendidas.

Assim, com ações simples e de fácil aplicação, pode-se contribuir para a inclusão de alunos com AH/SD, e ampliar-se para casos mais complexos, como o do aluno J. que também apresentava DA, conseqüentemente facilitando que este possa ter um melhor aproveitamento do seu potencial no espaço escolar.

Notas

¹ Este trabalho foi apresentado e publicado nos Anais do VII Congresso Internacional de Educação - Profissão docente: há futuro para este ofício?, realizado na Universidade, nos dias 22, 23 e 24 de agosto de 2011, na cidades de São Leopoldo/RS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. **Superdotados**: determinantes, educação e ajustamento. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

ARANTES, V. A. (org.) MANTOAN, M. T. E, PRIETO, R. G. **Inclusão escolar**. São Paulo: Summus, 2006.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, Brasília: 2008.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Educar na Diversidade**. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

CORREIA, L. de M. Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. IN: **Revista eletrônica Análise Psicológica**. Nº 2 (XXII), 2004, p.369-376. Disponível em: <http://jpn.icicom.up.pt>. Acesso em: 23/09/2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, C. S. R. DIFICULDADES EM ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES /SUPERDOTAÇÃO IN: **Anais do I Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação, IV Encontro Nacional do CONBRASD, IV Seminário de Altas Habilidades/Superdotação da UFPR**. Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 38-51.

RENZULLI, J. S. The Three-Ring conception of giftedness. A developmental model for promoting creative productivity. IN: R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.). **IN: Conceptions of giftedness**. 2ed., 2005, p. 246-279, New York: Cambridge University Press.

RENZULLI, J. S., & Reis, S. (1997). **The Schoolwide Enrichment Model: A how-to guide for educational excellence**. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press. 2nd ed., 1997. Disponível em: <http://www.creativelearningpress.com/clp/691.html>. Acesso em 20/10/10.

ROTTA, N. T., Dificuldades para a aprendizagem IN: ROTTA, N. ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da Aprendizagem Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 113- 123.

SENRA, A. H. [et. Al.] . **Inclusão e Singularidades**: um convite aos professores da escola regular. Belo Horizonte: Scriptum, 2008.

YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.